

Isabella Vilarinho de Souza Zeferino

De manto a botão...

Um estudo sobre os contos de fadas como recurso específico da clínica
psicopedagógica.

PUC-SP

2011

Isabella Vilarinho de Souza Zeferino

De manto a botão...

Um estudo sobre os contos de fadas como recurso específico da clínica psicopedagógica.

Monografia apresentada, como exigência parcial para obtenção do certificado de Especialização em Psicopedagogia – Curso de Pós Graduação “Lato Sensu” da PUC-SP - Cogea, sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia de Almeida Melo.

PUC-SP

2011

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha orientadora Professora Doutora Maria Lúcia Melo, que carinhosamente me acolheu em seu grupo já formado e me guiou de maneira significativa durante o percurso desse trabalho.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, instituição que já faz parte de minha história de vida, onde me graduei em Pedagogia e fiz as especializações em Psicodrama e Psicopedagogia.

Agradeço ao meu marido, Caio, que muito pacientemente me acompanhou nesta finalização de trabalho, me dando forças para não me deixar abater pelo cansaço do dia a dia.

Agradeço a minhas lindas filhas, Maria Clara e Maria Isabel, minha razão de existir, com elas minha história tornou-se ainda mais bonita.

Agradeço aos meus pais e irmãos, minha família de origem, que esteve sempre presente em minha caminhada pessoal e profissional até hoje, me dando suporte e amparando quando necessitei.

Agradeço as minhas colegas do curso de Psicopedagogia, que tantas experiências compartilharam, contribuindo ainda mais para minha aprendizagem.

Agradeço a todos os professores do curso que, cada um com sua sabedoria, nos transmitiu acima de tudo o amor pela Psicopedagogia.

Agradeço em especial à professora Anete Maria Busin Fernandes, que me possibilitou meu primeiro ato de autoria através do diagnóstico psicopedagógico.

Agradeço também à Alice (nome fictício), que me ajudou a aprender a ter um olhar psicopedagógico e muito enriqueceu minha aprendizagem.

Sumário

Introdução

1. Os contos de tradição oral
2. A especificidade do olhar e da escuta psicopedagógica
3. Rapunzel e o espaço “entre ser sujeito do desejo do outro e ser autor de sua própria história”
4. Considerações finais

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é expor o resultado de investigação voltada para melhor compreender e fundamentar o uso de Contos de Fadas no atendimento clínico psicopedagógico.

Para isso, pesquisei a origem e os desdobramentos dessa modalidade de narrativa bem como o uso que dela vem sendo feito no contexto psicanalítico, tal como formulado por Bruno Bettelheim. A fim de melhor refletir sobre as possibilidades de emprego desse mediador, no contexto da clínica psicopedagógica, intercalo reflexões teóricas com: a) o relato de momentos significativos de minha história de relação com os contos de fadas e b) fragmentos de um diagnóstico psicopedagógico no qual o conto de fadas teve um papel relevante.

Palavras chaves:

- Contos de Fadas;
- Autoria;
- Resgate de histórias pessoais;
- Olhar Psicopedagógico.

ABSTRACT

The objective of this work is to describe the result of research aimed to better understand and support the use of fairy tales in the clinical psych pedagogic service.

For this, I researched the origins and developments of this kind of narrative and the use to which it is being done in the psychoanalytic context, as formulated by Bruno Bettelheim. In order to better reflect on the employment opportunities of this mediator in the context of clinical psych pedagogic, intermingling with theoretical reflections: a) the reporting of significant moments of my history with fairy tales and b) fragments of psych pedagogic in which a diagnosis the fairy tale had a role.

Key words:

- Fairy Tales;
- Singularity of Psych Pedagogic look;
- Being an Author;
- Rescue of Personal Histories

Introdução

O Alfaiate Desatento

Era uma vez, a menos de mil quilômetros daqui, um alfaiate viúvo que vivia com a filha pequena... Apesar de ser um ótimo artesão, era uma pessoa que não prestava atenção em algumas coisas.

Assim, costumava sair à rua com a mesma roupa velha, toda esfarrapada, que usava o dia inteiro dentro de casa.

As pessoas comentavam: "Um homem que anda tão mal vestido, não pode ser um profissional competente. Esse alfaiate não deve ser bom".

Os comentários se espalhavam, e ninguém mais encomendava roupas para o alfaiate, que foi ficando pobre. Um dia, sua filha disse: "Pai, não temos quase nada para comer. O senhor precisa fazer alguma coisa, senão vamos morrer de fome".

O alfaiate foi até o sótão da casa, onde fazia muito tempo guardava coisas que considerava sem utilidade. Ao remexer nas pilhas empoeiradas, descobriu que entre elas havia objetos de valor. Ele nem se lembrava mais quando os tinha posto ali, nem por quê. Juntou uma porção desses objetos num carrinho e foi vendê-los no mercado da cidade. Com o dinheiro que recebeu, comprou comidas deliciosas para ele e para sua filha.

No caminho de volta para casa ele viu, pendurado na porta de uma tenda, um tecido magnífico, como nunca tinha visto. Era inteiro bordado com fios de todas as cores do arco-íris, formando várias figuras distintas. Nele também havia padrões ornamentais com fios de ouro e prata entrelaçados que brilhavam à luz do sol.

O alfaiate, maravilhado, resolveu comprar aquele tecido com o dinheiro que havia sobrado. Assim que chegou em casa, esticou o tecido sobre a mesa, pensou um pouco, e depois cortou e costurou um belíssimo manto que quase arrastava no chão.

Quando saiu à rua com aquele manto, as pessoas o rodearam e perguntaram:

- Onde foi que você comprou este manto? No Oriente, na ilha de Java?*
- Não - respondeu o alfaiate. - Eu mesmo o fiz.*

- Então, nós também queremos um manto lindo como este.

E foram levar tecidos para ele, formando uma fila à porta de sua casa. Eram tantas pessoas, e tantos mantos eles fez que acabou ficando rico. Mas ele era uma pessoa que não prestava atenção em algumas coisas. Ele não tirava seu manto: costurava com ele, fazia comida, cuidava do jardim.

Passou-se muito, muito tempo. O manto ficou velho e estragado. As pessoas, vendo-o tão mal vestido na rua, começaram a achar que ele não devia ser um bom profissional. E deixaram de fazer encomendas. E ele ficou pobre outra vez.

Certo dia, não tendo nada para fazer, o alfaiate ficou observando o manto e descobriu que ainda havia um pedaço do tecido que não estava estragado. Pôs o manto sobre a mesa, cortou as partes rasgadas, desmanchou as costuras, pensou um pouco e fez um lindo casaco, com uma gola enorme.

Quando saiu com o casaco, as pessoas queriam saber:

- Onde foi que você comprou este casaco? Na Austrália, no pólo norte?

- Não, eu mesmo o fiz.

E foram tantas encomendas de casacos, que o alfaiate ficou rico outra vez.

Mas continuava sendo aquele homem que não prestava atenção em algumas coisas. A qualquer tipo de comemoração, casamento, batizado, enterro, festa de aniversário, lá ia ele com o casaco.

Passou-se muito, muito tempo. E o casaco ficou todo esburacado, cheio de manchas. Ninguém mais fazia encomendas. Ele ficou pobre. Percebendo que o casaco ainda tinha um pedaço bom de tecido, o alfaiate o desmanchou e fez um colete tão lindo que todos na rua lhe perguntavam:

- Onde foi que você comprou este colete? No Afeganistão? Na Terra do Fogo?

- Não, eu mesmo o fiz.

E com tantas encomendas de coletes, o alfaiate ficou rico. Mas, não sei se já lhes contei, ele era uma pessoa que não prestava atenção em algumas coisas. Não tirava o colete para nada, nem mesmo para tomar banho.

Passou-se muito, muito tempo. E o colete ficou em petição de miséria. Pobre mais uma vez, o alfaiate aproveitou o pequeno pedaço de tecido do colete que ainda estava perfeito e sabem o que ele fez? Uma gravata-

borboleta. Mas não era uma gravata qualquer. Era tão linda e brilhava tanto, que todos queriam gravatas como aquela.

Depois de muito trabalhar, ele acabou ficando rico. E não deixava de ser aquela pessoa que Não P... A... em A ... Coisas. Nem para dormir ele tirava a gravata.

Passou-se muito, muito tempo. E a gravata ficou torta, ensebada, irreconhecível. O alfaiate ficou pobre outra vez, já que ninguém mais lhe fez encomendas.

(Não se preocupem o conto já está chegando ao fim.)

O alfaiate ainda descobriu na gravata um pedacinho de tecido que podia servir para alguma coisa. E então fez um superutrabelíssimo botão, bem redondo, que costurou na sua roupa velha, no meio do peito. Ninguém notava os farrapos que ele vestia; o botão era tão brilhante e magnífico que todos queriam botões como aquele. E tantos ele fez, que ficou rico. Mas continuava sendo aquela pessoa que N Prestava A em A C.

Passou muito, muito tempo. E ele foi ficando pobre. Desmanchou o botão e ainda sobrou um pedacinho de tecido bem pequenininho, que conservava intactos alguns padrões de fios dourados e prateados, entremeados com todas as cores do arco-íris, que brilhavam intensamente.

O que o alfaiate fez com aquele pedaço minúsculo que sobrou do magnífico tecido?

Pois o contador de histórias que narrou este conto para mim disse que cada um de nós é que tinha que inventar no que o alfaiate transformou aquele paninho precioso, porque esta é uma história que continua com cada um.

Existem muitas formas de contar a história desse alfaiate. É por causa dele e do seu botão que este conto sempre foi lembrado e continuará sendo contado para sempre, noite e dia, em qualquer lugar do mundo onde haja gente. Porque sempre vão existir pessoas que não prestam atenção em algumas coisas. E sempre vão existir coisas que guardam seu brilho num lugar cada vez menor e mais profundo.

Iniciar o trabalho contando um conto me pareceu uma maneira justa de conduzir o leitor ao maravilhoso universo de contação de histórias. Contudo, para isso, o que me motivou a selecionar um conto de tradição sufi, ao invés de

um conto de fadas, foi a intenção de fazer uma analogia entre este conto e os contos de fadas.

Essa história, já faz parte de meu repertório há pelo menos uma década e sempre encontro novas maneiras de relacioná-la a diversas questões de meu cotidiano.

Dessa maneira, acredito que os contos de fadas possam tomar forma através desse maravilhoso tecido que o alfaiate desatento usou para todas as suas maravilhosas criações. A depender do momento de vida da pessoa, ele aparecerá majestoso como um lindo manto que de maneira exuberante desperta o interesse de diversas pessoas. Em algum outro momento ele pode surgir como um pequeno botão, que apesar de sua pequenez, nem de longe deixa a dever em brilho e beleza.

Acreditamos, de uma maneira geral, que os contos sejam exclusivos da infância, ocasião em que é possível um contato de maneira mágica com a história contada, sem julgamentos e análise. Contudo, acredito que esse seja um ledor engano, mesmo que para as pessoas crescidas os contos de fadas ocupem o espaço de um pequeno botão, ou até menos que isso, eles sempre manterão sua riqueza, mesmo que alojados em locais profundos do ser. Pois assim como diz o conto: *...sempre vão existir pessoas que não prestam atenção em algumas coisas. E sempre vão existir coisas que guardam seu brilho num lugar cada vez menor e mais profundo.*

Durante toda minha vida, ouvir histórias foi como alimentar a minha alma de novas fantasias. Sempre gostei muito de entrar em contato com novos mundos através de contos de tradição oral e mesmo através de relatos de vida de outras pessoas.

Meu grande companheiro de infância era um enorme livro vermelho de contos de fadas, era meu tesouro. Essa paixão pelas histórias, porém, tornou-se mais significativa na graduação em Pedagogia, quando juntamente com duas amigas, resolvi resgatar esse amor pelos contos através de oficinas para professoras, visando buscar em cada uma delas o “ser contador de histórias”.

A partir desse trabalho prático, surgiu nosso trabalho de conclusão de curso (TCC) realizado também pelas mesmas pessoas.

Após a graduação fiz o curso de formação em Psicodrama na PUC/COGEAE e novamente as histórias continuaram a fazer parte da minha vida de maneira significativa. Era conhecida pelo grupo como a contadora de histórias, não que as conte com tanta habilidade, mas acredito que esse fascínio que os contos me provocam, acabavam por transparecer em minhas *contações*. Sempre acreditei no poder deles em fazer as pessoas refletirem sobre algum tema e era isso que fazia em nossos sociodramas.

Muitos de nós, possivelmente, ao nos recordarmos de nossa infância e mesmo da adolescência poderíamos nos remeter a algumas histórias contadas por pais ou professores ou mesmo por pessoas que faziam parte de nossa convivência.

Essas histórias ao serem recordadas com certo saudosismo não estariam presentes em nossas vidas por um mero acaso. Nossa memória guarda apenas o que nos marcou por algum motivo, caso contrário, será desprezado. Carregamos conosco, durante nossa vida, nossos personagens significativos, aqueles que de alguma forma nos identificamos e que nos permitiram muitas vezes nos sentir mais fortes diante de nossos problemas.

“Cresci ouvindo minha avó contando histórias naquela fazenda. Sentia que ERA UMA VEZ... era escutado pelo meu próprio corpo, e algo ecoava dentro de mim, me encantava. Era um prazer com disponibilidade para pensar, rever minhas inquietações, ou compreender onde meus sentimentos mais íntimos pairavam. Tinha a sensação de que os contos se apresentavam como organizadores do meu pensar, do meu sentir, ajudando a nomear os meus anseios e temores, desde muito menina. (Giordano, 2007: 2)

Giordano (2007) diz que os contos nos ajudam a assumir e a respeitar nossa história e, assim, a desenvolver nossa verdadeira identidade e auto-estima e, por isso, a viver muito melhor.

Hisada (1998) concluiu em seu livro – “A utilização de histórias no processo psicoterápico” – que o uso dos contos no processo psicoterápico exerceu algumas funções das quais destacarei apenas uma: (...) *reconhecer o material que pertence ao percurso de sua vida, à sua dinâmica, por meio da história utilizada como recurso de comunicação. Aspectos que têm relação com suas imagos e o momento evolutivo em que se encontram são apresentados na maneira como a história é construída, facilitando o processo de discriminação de si mesmo. Reconhecem os pacientes que alguns dos aspectos descritos na história pertencem à sua realidade psíquica* (HISADA, 1998).

Muitos já se ocuparam deste tema de diversas formas, reconhecendo neste belo recurso, diversas maneiras de resgatar questões intrínsecas ao ser. O que pretendo fazer, contudo, é trazê-lo para especificidade do olhar psicopedagógico. De que maneira este recurso pode apresentar-se como recurso psicopedagógico.

Pretendo a partir desse estudo, portanto, tentar responder três questões:

- Qual a especificidade do olhar psicopedagógico?
- Como um conto de fadas pode fazer emergir no sujeito suas histórias pessoais, possibilitando tornar-se autor de sua própria história de vida?
- De que maneira esse trabalho pode ajudar uma pessoa que tem uma modalidade de aprendizagem-sintoma?

Minha principal hipótese é a de que ao retomar contos preferidos da infância do sujeito ele possa entrar em contato com seus personagens significativos, com as metáforas que ilustram seu modo de pensar e ver a realidade, de modo que, dessa maneira, possa de uma forma lúdica resgatar sua história pessoal, iniciando assim um processo de construção de autoria.

“Contos de fada são mais do que a verdade... Não porque eles nos dizem que dragões existem, mas porque eles nos dizem que dragões podem ser derrotados”.

Neil Gaiman

Capítulo 1 - SOBRE A HISTÓRIA DE CONTOS: os contos maravilhosos e os contos de fadas.

Segundo a definição utilizada por alguns estudiosos da literatura (Coelho (2000), Abramovich (1997), Ribeiro (1999), o conto é a primeira narrativa fictícia, anônima, na qual o real se confunde com o maravilhoso, podendo, seu conteúdo, ser de fundo humano ou fantástico, com a finalidade de divertir ou fixar experiência humana.

De acordo com os mesmos autores os contos podem ser divididos em duas categorias: os contos maravilhosos e os contos de fadas.

1.1 Os contos maravilhosos

Os contos maravilhosos surgem no Oriente e são difundidos pelos árabes através do conto “As mil e uma noites”.

“As mil e uma noites’ não são uma coisa morta. Trata-se de um livro tão vasto que nem é preciso vê-lo. Ele é parte de nossa memória”.(Gomes, 2000, pág. 53)

“Antes de tudo, trata-se de um mundo de extremos, onde as pessoas são muito desgraçadas, ou muito felizes, muito ricas ou muito pobres. Esse também é um mundo onde os reis não explicam o que fazem: digamos que seus reis são tão irresponsáveis quanto os deuses. Além disso, existe a ideia de tesouros escondidos, que podem ser descobertos por qualquer pessoa. E a ideia de magia, que é algo muito importante. O que é a magia? Uma causalidade diferente. Nela supõe-se que, além das relações causais que conhecemos, existe uma outra. Essa relação causal desconhecida pode ser despertada por acidentes, por um anel ou uma lâmpada. Esfregamos um anel ou uma lâmpada, e aparece um gênio. Um gênio que é escravo, mas também onipotente

cumpridor de nossa vontade. Trata-se de algo que pode acontecer a qualquer momento.” (Gomes, 2000, pág. 46)

Desde o surgimento do conto “As mil e uma noites”, houve diversas versões, tanto ocidentais quanto orientais. Porém este conto foi difundido no ocidente antes mesmo de ser plenamente conhecido pela população do oriente em função de algumas restrições da religião islâmica em relação a ele.

Em razão de suas inúmeras edições temos conseqüentemente inúmeras traduções do mesmo conto, devido a dois fatores principais: a dificuldade em compreender o idioma e traduzi-lo sem que se perdesse a riqueza do texto, e a personalidade e os valores morais dos tradutores, que cortavam e eliminavam passagens por não considerá-las apropriada.

A principal característica, que marca a diferenciação entre contos maravilhosos e contos de fadas é o foco dessas narrativas que está direcionado para a busca de riquezas, a satisfação do corpo e a conquista de poder. Temos como exemplo, além das “Mil e Uma Noites”, “Os músicos de Brêmem” e “O gato de botas” dos irmãos Grimm.

Bettelheim classifica essa categoria de contos como contos amorais, onde não há uma polarização clara de pessoas boas ou más. Nesses contos, os personagens principais são mais próximos a nossa realidade, ou seja, são ambivalentes. Porém, são igualmente importantes e servem a propósitos diversos. Aqui, não se trata de uma escolha entre o bem e o mal, mas uma maneira de mostrar a criança que mesmo a pessoa mais submissa e sem sucesso pode superar as dificuldades, alcançar o sucesso e ser feliz.

Nessas narrativas, repletas de aventuras, temos o maior exemplo de uma contadora de histórias, Sherazade, que através das histórias que contava usando sua memória e sedução, conseguiu livrar-se do seu destino: a morte.

“Sherazade é, portanto, uma heroína que arrisca a vida confiando apenas em sua capacidade de contar

histórias e no poder que as histórias têm de mudar as pessoas". (Gullar, 2000, pág. 4).

1.2 Os contos de fadas

Os contos de fadas, segundo Coelho (2000), originaram-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam à realização interior do ser humano (novelas de cavalaria épico-espiritualistas, ciclo do Rei Arthur e seu grande cavaleiro Galaaz).

“Ao longo dos séculos (quando não de milênios) durante os quais os contos de ao serem recontados, foram se transformando cada vez mais refinados, eles passaram a transmitir conteúdos manifestos e latentes – passaram a falar simultaneamente a todos níveis da personalidade humana comunicando de uma maneira que atinge a mente ineducada da criança tanto quanto do adulto sofisticado”. (Bettelheim, 1990 pg. 12)

Depois disso, então, é que foram tomando a forma que os conhecemos hoje. Todavia acreditamos que mesmo inconscientemente, seus autores tenham tido sempre o objetivo de favorecer a reflexão do ser humano sobre si mesmo.

Mesmo tendo se originado há tanto tempo, eles ainda ocupam um espaço privilegiado no imaginário infantil, tendo um papel muito importante na busca do equilíbrio adulto.

Segundo a Psicanálise dos Contos de Fadas (Bettelheim, 1990 pg. 53) “Há uma concordância geral em que mitos e contos de fadas nos falam na linguagem de símbolos representando conteúdos inconscientes. Seu apelo é feito ao mesmo tempo à nossa mente consciente e inconsciente, a todos os seus três aspectos – id, ego e superego – e também à necessidade de ideais

do ego. Isso o torna muito eficaz; e, no conteúdo dos contos, os fenômenos psicológicos íntimos são corporificados em forma simbólica”.

Além disso, traz em seu enredo acontecimentos que são apresentados de maneira casual e possivelmente cotidiana, como um simples passeio pela floresta, o que possibilita que qualquer um possa se reconhecer como participante da história.

De acordo com uma fala de Pina¹ em um de seus cursos, basta sentarmos diante de um grupo de crianças ou adultos e começarmos com "Era uma vez..." que rapidamente o silêncio se faz presente, os olhos atentos brilham e os ouvidos apuradíssimos não nos dão nenhum indício de qualquer "Déficit de Atenção". Isso porque através de reis, rainhas, anões, gigantes, ogros, bruxas, dragões saímos do nosso mundo real e entramos num mundo onde tudo é possível.

Através dessas histórias e de uma maneira simples, a criança poderá elaborar seus conteúdos pessoais, ou seja, apesar de as histórias apresentarem temas relacionados à perda, à adaptação, ao desconhecido, ao medo, ao abandono, à violência,..., sempre trazem a ideia de uma possível realização e de um final feliz. Além disso, são justamente esses temas que estão fortemente presentes no imaginário de uma criança e por isso exercem um fascínio tão grande neste público.

“Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e , ao fim, emergirá vitoriosa.” (Bettelheim, 1999, pág 123).

¹ Vera Pina ministrou um curso sobre a utilização dos contos de fadas na psicopedagogia no II Simpósio Internacional de Psicopedagogia (2008)

Podemos assim, perceber com clareza a função terapêutica dos contos, pois através deles, a criança consegue encontrar forças para encarar seus medos e angústias. Isso porque, através dessas histórias de superação podem, realmente, acreditar que encontrarão força para enfrentar suas dificuldades na vida.

Dessa forma, uma de suas principais funções é auxiliar a criança a encontrar o significado de sua vida. Neste trabalho pretendo demonstrar como é possível, também, encontrar o significado e o prazer de aprender muitas vezes perdido.

Assim como diz o autor Bettelheim, devemos acreditar que podemos dar uma contribuição significativa para a vida. Com isso, ao resgatar ou construir essa crença na criança, poderemos resgatar a possibilidade desta tornar-se autora de sua própria existência e conhecimento.

“O meu olhar é nítido como um girassol,
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e a esquerda
E de vez em quando olhando para trás...

E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto”...

Alberto Caeiro

Capítulo 2 – A especificidade do olhar e da escuta psicopedagógica

“Se no transcurso do diagnóstico ou do tratamento não conseguimos apaixonar-nos por essa vida, nem pensar-la como um drama onde se está jogando este tipo de coisas que a mitologia põe em um relevo especial, mas estão em todos os seres humanos, estaremos banalizando o sujeito. Não podemos curá-lo nem entendê-lo. Justamente a possibilidade de curá-lo, ou seja, de fazê-lo surgir como diferente, é facilitar seu trabalho de recriar-se como pessoa interessante. Que sinta que sua personalidade se diferencia das outras e tem um caminho próprio que é capaz de construir, que vislumbre uma possível escolha, certo grau de liberdade, ainda que seja no conhecimento” (Sara Paín, ano, apud, Fernández, 1991: 35)

Início este capítulo com esta citação de tão importante autora, pois acredito que nela encontre-se a veia principal para que um trabalho terapêutico assuma características específicas da Psicopedagogia.

Isso porque nosso olhar em Psicopedagogia busca apreender a totalidade complexa e singular do sujeito da aprendizagem, entendendo-o como organismo, corpo, cognição e desejo.

Ao pensarmos em uma pessoa que guarda consigo uma série de especificidades que a diferenciam do restante, estamos levando em conta toda sua história pessoal, seu organismo possibilitador, seu corpo realizador, seu desejo inserido no desejo de seu grupo social e por fim, mas não menos importante, sua cognição, construída a partir da relação com o outro e com o mundo.

Quando este indivíduo consegue perceber-se como alguém singular diante de um grupo e consegue assumir sua singularidade como algo que possibilita construir seu conhecimento de uma maneira única, este indivíduo torna-se autor de sua aprendizagem.

Contudo, aqueles com quem iremos trabalhar na clínica psicopedagógica serão pessoas que, em algum momento de sua vida/aprendizagem, sofreram uma fratura em sua singular totalidade.

Para essas crianças com dificuldades de aprendizagem torna-se primordial que estas estabeleçam um vínculo de prazer com a aprendizagem.

“A apropriação do conhecimento implica no domínio do objeto, sua corporização prática em ações ou em imagens que necessariamente resultam em prazer corporal. (...) Somente ao integrar-se ao saber, o conhecimento é apreendido e pode ser utilizado”.
(Fernández, 1991: 59)

Para isso, torna-se essencial que essa aprendizagem seja significativa, ou seja, devem ser levados em consideração os interesses e potencialidades do indivíduo, para que ele possa estabelecer esse vínculo de prazer com o conhecimento. Alícia nos esclarece:

“Chamo de modalidade de aprendizagem a esse molde ou esquema de operar que vai sendo utilizado nas diferentes situações de aprendizagem. (...) Em sua construção, participa o modo como os ensinantes conseguiram reconhecer e querer a criança como sujeito aprendente e como sujeito ensinante e a significação que o próprio grupo familiar de origem tenha dado ao conhecer: a existência de “não ditos”, segredos, perigo e culpa por conhecer... ou se lhe outorgaram um espaço saudável onde o conhecer apareça como desafio possibilitador”.
(Fernández, 2001: 78)

Quando a criança em questão desenvolve uma modalidade de aprendizagem sintoma, ou seja, quando a dificuldade de aprendizagem

apresenta-se como um sintoma produzido para escapar de uma angústia, acredito que os contos tenham uma função especial. Através dessas histórias que são permeadas pelas principais angústias do ser humano, como disse no capítulo anterior, penso que seja possível que a criança reconheça-se nessa história e através de um trabalho com este conto essa angústia possa ser elaborada e talvez dissolvida, podendo dessa maneira ressignificar sua postura diante da vida/aprendizagem.

Antes de dar continuidade às minhas reflexões, gostaria de trazer um conto que me é muito significativo, para ancorar o presente estudo.

Capítulo 4 – Rapunzel e o espaço “entre ser sujeito do desejo do outro e ser autor de sua própria história”

“Era uma vez um casal de camponeses. A mulher estava grávida e sentiu o desejo enorme de comer umas flores, que se chamam raponços e que ela via no jardim da casa vizinha que pertencia a uma feiticeira. Como sabem, os desejos das grávidas devem ser atendidos para que o bebê nasça perfeito. O marido planejou então, quando anoitecesse, levar a mulher ao jardim para ela poder comer as flores. Infelizmente foram apanhados pela feiticeira, que queria matá-los. Porém, quando soube do que se tratava, deu um raponço à camponesa, obrigando-a a prometer que lhe daria a filha quando ela nascesse. A menina teria o nome de Rapunzel, que quer dizer raponço.

Rapunzel era a mais encantadora menina da face da Terra. Assim que atingiu doze anos, a feiticeira encerrou-a numa torre, no meio de uma floresta, e a torre não tinha portas nem escadas - apenas, lá muito em cima, uma pequena janela.

Quando a velha feiticeira queria visitar a rapariga, colocava-se debaixo da janela e dizia:

Rapunzel, Rapunzel,

Solta o teu cabelo de ouro.

Pois Rapunzel tinha um maravilhoso cabelo comprido, macio e brilhante como ouro. Sempre[que ouvia a voz da feiticeira ela soltava as suas tranças, e deixava que o cabelo caísse pela janela, tornando-se uma escada por onde a feiticeira subia até ao cimo da torre.

Depois de terem vivido assim por muitos anos, aconteceu que, um dia, um príncipe cavalgava pela floresta e passou perto da torre. Ao aproximar-se ouviu alguém cantar tão suavemente, que parou maravilhado, a ouvir. O príncipe desejou ver a dona de tal voz, mas em vão procurou uma porta na torre. Regressou a casa, mas sentiu-se tão tentado por aquela canção que ouvira que todos os dias voltava à floresta para escutar. Um dia, quando se encontrava atrás de uma árvore, viu a velha feiticeira aproximar-se e chamar:

Rapunzel, Rapunzel,

Solta o teu cabelo de ouro.

Logo Rapunzel soltou as tranças, e a feiticeira subiu por elas.

No dia seguinte, ao entardecer, o príncipe aproximou-se da torre e chamou:

Rapunzel, Rapunzel,

Solta o teu cabelo de ouro.

E, assim que ela deixou cair a maravilhosa escada dourada, ele subiu.

A princípio, Rapunzel ficou terrivelmente assustada ao ver um homem entrar, pois nunca houvera visto algum. Mas o príncipe falou-lhe com bondade, e disse-lhe logo que o seu coração tinha sido tão tocado pelo canto dela que achava que não teria paz de espírito enquanto a não visse. Em breve Rapunzel se esqueceu do seu receio, e quando ele lhe pediu que casasse com ele, imediatamente assentiu.

- A cada vez que me vieres ver traz-me um fio de seda, e eu farei com ele uma escada. Quando estiver pronta, descerei por ela, e tu levar-me-ás no teu cavalo.

A velha feiticeira, é claro, nada sabia do que se passava, até que um dia Rapunzel, sem pensar no que estava a dizer, se voltou para a feiticeira e lhe perguntou:

- Como se explica, boa mãe, que custes mais a subir do que o príncipe?

- Oh, malvada criança! - exclamou a feiticeira - que ouço eu?! Pensei que te havia escondido de todo o mundo e, apesar disso, conseguiste iludir-me.

Na sua raiva, agarrou no belo cabelo de Rapunzel, enrolou-o em torno da sua mão esquerda e, pegando numa tesoura, cortou as belas tranças. E, pior do que isso levou Rapunzel para um lugar solitário e deserto, onde a deixou, para viver na pior das solidões e das misérias.

Ora, na noite em que a levou para longe, a feiticeira prendeu as tranças da jovem no fecho da janela e, quando o príncipe chegou, ela deixou-as cair, e ele subiu, como habitualmente. Em vez da sua amada Rapunzel, encontrou a velha feiticeira, que fixou nele os olhos malvados, e exclamou, em voz trocista:

- Rapunzel está perdida para sempre. Nunca mais voltarás a vê-la!

O príncipe ficou transtornado pela dor e, no seu desespero, saltou da janela da torre. Embora tivesse escapado com vida, os espinhos entre os quais caiu feriram-lhe os olhos. E assim, vagueou cego e miserável, através da floresta, até que os seus passos o levaram ao lugar deserto em que Rapunzel vivia. Sem crer no que ouvia, distinguiu uma voz que lhe pareceu estranhamente familiar.

Rapunzel reconheceu-o e lançou-se nos braços dele, chorando. Duas das suas lágrimas caíram nos olhos dele, e num momento ficou curado, voltando a ver como dantes. Conduziu então a jovem para o seu reino, onde foram recebidos com grande alegria, e casaram e viveram para sempre muito felizes.

“O que pretende fazer a outro, tem que praticar consigo mesmo, contatar com as próprias fraturas na aprendizagem, com a história de aprendizagem pessoal...”
(Fernández, 1991 - p. 130)

Mesmo antes de iniciar o curso de pós graduação “Lato Sensu” em Psicopedagogia, sempre tive essa prática de visitar minha história de aprendizagem pessoal. Procurava manter um olhar analítico sobre meu passado, tentando desvendar os porquês de minhas dificuldades, porém isso se dava de maneira não sistematizada e apenas servia para me conhecer um pouco melhor. Contudo, especialmente duas vivências me possibilitaram uma maior compreensão sobre meu modo de funcionamento diante de situações de aprendizagem que me causavam grande desconforto.

A primeira vivência significativa foi a construção de uma autobiografia, realizada no curso de formação em Psicodrama. Nesta vivência, pude me

colocar em história, ou seja, ao buscar dados de meu passado e confrontá-los com minhas lembranças, escrevendo assim a minha história de vida, pude olhar para mim mesma de fora para dentro.

No entanto, ainda me faltavam recursos para poder realmente enxergar os motivos desse desconforto diante de algumas situações de vida e de aprendizagem.

Ao iniciar o curso de Psicopedagogia, toda essa história escrita há alguns anos atrás, retornou a minha mente e começou a ganhar novos sentidos, porém foi num curso sobre a utilização dos contos na clínica psicopedagógica, ministrado pela professora Vera Pina², que acrescentei mais um recurso muito importante para enxergar essa trajetória de maneira mágica e significativa.

Ao recordar meu conto favorito, em uma vivência desse curso, pude retornar a meu passado de maneira mágica e sensorial. Consegui me lembrar de um grande livro vermelho de contos de fadas, meu favorito, e dentro dele meu conto favorito, Rapunzel. Até hoje tenho o costume de começar a leitura de uma revista, ou um livro pelo final, acredito que isso se deva ao fato de que para mim o mais precioso se encontrava no final do livro.

Sou a filha mais nova de três irmãos, nasci prematura de oito meses e tive de ficar internada durante onze dias devido a uma forte icterícia, que os médicos julgavam ser de incompatibilidade sanguínea, pois minha mãe tem RH negativo. Nesses primeiros dias de minha vida, só recebia a visita de minha mãe nos momentos de amamentação.

Minha família, eu diria que era uma família feliz. Eu e meus irmãos mais velhos sempre nos demos muito bem, quase não havia brigas. Mas durante muito tempo de minha vida, meu sentimento mais forte era o da solidão, incompreensível, pois estava sempre rodeada de minha família que me amava, além de um medo muito grande de perder qualquer acontecimento que fosse.

²Vera Pina ministrou um curso sobre a utilização dos contos de fadas na Psicopedagogia no II Simpósio Internacional de Psicopedagogia (2008)

Sempre fui resistente ao sono para não dormir antes que os outros e assim perder alguma coisa.

E a Rapunzel... Ah! Era como um pedaço de mim mesma... Minha mãe me chamava de “menina de tranças”, meu penteado favorito, até me casei de trança.

E naquele momento do curso, naquela vivência sobre meu conto favorito, parece que as peças de meu quebra-cabeças se encaixaram perfeitamente. Minha solidão e a solidão de Rapunzel em sua torre e o primeiro parágrafo de minha autobiografia, pareceu se encontrar com o da minha princesa favorita. Logo em meus primeiros momentos de vida, fui afastada de minha mãe, não fora muito tempo, mas provavelmente o suficiente para criar em mim esse sentimento tão profundo de solidão. Eu me reconhecia em Rapunzel, não somente nesta característica, mas em muitas outras. Minha parte favorita do conto era o momento em que Rapunzel reencontrava o príncipe e as suas lágrimas curavam sua cegueira.

Talvez, por isso, só tenha me sentido completa quando encontrei a Psicopedagogia, minha sensação de êxtase a cada coisa nova que aprendia, transformou minha maneira de aprender. Nunca fiz questão de aparecer muito, nem ser a melhor que podia em nada que havia feito anteriormente, mas neste curso, parece que encontrei a razão de minha existência, algo pelo qual eu poderia fazer a diferença na vida de algumas pessoas, “a lágrima que curaria a cegueira de alguém” pareceu ser possível em minha vida e minha grande necessidade de ajudar as pessoas agora encontrara um caminho a percorrer.

Junto a esse momento de encontro comigo mesma e com minha aprendizagem, veio meu primeiro diagnóstico psicopedagógico. Não entendia o nervosismo de tantas colegas diante desse novo desafio, afinal havia encontrado meu caminho, estava a um passo de minha primeira e real autoria. Agora que minha aprendizagem era realmente significativa, poderia me dizer autora do que estava realizando.

E então veio Alice (nome fictício), uma menina adorável e muito tímida, com uma queixa de dificuldade de aprendizagem em leitura e escrita e

matemática e uma história de vida muito triste e tensa. Trabalhamos durante doze sessões diagnósticas e ao final deste percurso escrevi para ela uma história que trazia de maneira fictícia suas dificuldades e desejos sendo assim a devolutiva de seu diagnóstico, que exporei a seguir para apresentar de maneira lúdica essa linda menina.

A PRINCESA QUE QUERIA APRENDER

“Era uma vez uma linda princesa, de cabelos bem compridos, olhar tímido e um sorriso cativante. Ela morava com seus pais e seus irmãos em um lindo castelo. Tinha dois irmãos e duas irmãs. Os meninos eram mais velhos que ela e as meninas, uma era a mais velha dos filhos e a outra a mais nova.

Todos eram muito felizes, até que um dia um bruxo, irmão da rainha, veio ao castelo e disse à irmã que iria morar com eles. A rainha há muito tempo havia percebido que seu irmão havia se transformado em um bruxo mal e por isso, temendo que ele pudesse fazer algum mal à sua família, aceitou que ele morasse em sua casa.

Com isso, fez-se necessário que todos no castelo soubessem que nenhum dos príncipes ou princesas deveriam ficar sozinhos no castelo na presença desse bruxo, sempre que o rei ou a rainha saíssem alguém deveria ficar para cuidar dos filhos.

Com o passar do tempo, a rainha foi ficando doente e a princesinha que gostava muito de sua mãe passou a ficar muito preocupada com ela. Nessa mesma época, era chegada a hora da princesa frequentar a escola de magia. Ela estava muito feliz, pois queria muito aprender feitiços do bem.

Porém, suas professoras não percebiam que a princesinha precisava de ajuda para aprender, pois tinha muitas preocupações em sua cabeça. Afinal aprender coisas novas quando estamos preocupados com nossa família, não é nada fácil.

Com isso, sem ajuda alguma a princesinha apenas colecionava feitiços que gostaria de aprender, mas passava de ano sem ter aprendido realmente. Os feitiços misturavam-se em sua cabeça e cada vez ficavam mais confusos.

Um dia, muito triste por não aprender, a princesa fez um pedido a uma estrela. Disse à estrela que gostaria muito de aprender feitiços e que quando conseguisse ficaria muito feliz. Então a estrela respondeu: “Você tem muita vontade, princesa! E essa vontade vai lhe ajudar a aprender o que quiser...”

Essa estória continua...”

Próximo ao final deste percurso, em uma conversa perguntei à Alice qual era seu conto favorito, ela olhou para mim como se estivesse olhando para meus cabelos e disse: “Daquela princesa do cabelão”. Tentei descobrir se ela se recordava o nome, mas não consegui, então perguntei: A Rapunzel? Ela me deu um sorriso e disse que sim. Disse que sua irmã mais velha havia lido o conto para ela algumas vezes.

Decidi continuar o trabalho com Alice após o diagnóstico e dessa maneira pude trabalhar o significado desse conto na vida dessa menina. Tive pouco tempo hábil para realizar esse trabalho, pois logo que iniciei o trabalho do conto da Rapunzel com ela descobri que estava grávida novamente e com isso vieram as complicações, pois tive de fazer repouso absoluto por dois meses. Após esse repouso não pude continuar com Alice, pois seu pai desistiu do atendimento.

Ainda sim, me restou uma única sessão que pretendo apresentar neste trabalho para ilustrar meu pensamento acerca do trabalho com contos na clínica psicopedagógica. Assim como aconteceu comigo, decidi começar a trabalhar o conto com Alice, através de uma contação da história de Rapunzel e pedir a ela que me dissesse qual fora sua parte favorita.

Contei a história a ela, sem o auxílio do livro, pois acredito que dessa maneira o conto torna-se mais mágico e menos enfadonho. Tinha grande propriedade sobre a história, pois além de essa ter sempre sido minha história favorita, tinha relido uma versão recentemente para não me esquecer de nenhum detalhe.

Alice ouviu atentamente a história e parecendo realmente interessada, seus olhos acompanhavam meus movimentos e ao final perguntei a ela se era assim que se lembrava da história, ela disse que era essa mesma que sua irmã

lhe contara. Perguntei então qual tinha sido a parte da história que ela mais tinha gostado, então ela me respondeu que sua parte favorita era o momento em que o príncipe chegava pela primeira vez à torre para salvar a princesa.

“Era uma vez” quer dizer que a singularidade do momento da narração unifica o passado mítico – fora do tempo – com o presente único – no tempo – daquela pessoa que a escuta e a presentifica. É a história dessa pessoa que se conta para ela por meio do relato universal”. (Machado, 2004 – pg. 23)

Dessa maneira ao ouvir uma história a pessoa pode identificar nela seus medos e sonhos guardados no interior da “caixa de histórias da vida” peculiar a cada indivíduo. Ao ouvir esse conto, Alice pode conectar-se com seus desejos inconscientes e revelar sua parte favorita da história de maneira extremamente significativa ao momento de vida e de aprendizagem que estava vivendo. Sempre acreditamos que a lógica é escolher o momento da história em que tudo acaba bem, no entanto Alice escolheu o momento em que a possibilidade de resgate bateu à sua “janela”.

“Este ‘lá’ para onde a pessoa se transporta é o lugar da imaginação enquanto possibilidade criadora e integrativa do homem. (...) Nesse lugar encontro não o que devo, mas o que posso; portanto, entro em contato com a possibilidade de afirmação do poder criador humano, configurado em constelações de imagens”. (Machado, 2004 – pg 24)

Refletindo sobre isso que a autora nos diz, podemos supor que o conto fez Alice pensar que poderia sair desse “lugar” que lhe estava sendo oferecido nesse momento e, dessa maneira, ao desaprisionar sua inteligência, ela poderia entrar em contato com seu potencial criador, tornando-se assim autora de sua própria história.

Contudo, na história de Rapunzel, esse momento oferece apenas uma possibilidade que terá de ser transposta, superando as dificuldades da longa

procura por seu amor (penso na busca de Rapunzel pelo seu amado como a busca de um aprendiz pelo conhecimento). Só então por meio de suas próprias habilidades, formulado no conto de maneira imaginativa, graças a suas lágrimas a menina encontra finalmente a felicidade, curando o príncipe.

De uma maneira bem interessante esse conto pode mostrar à criança que a superação de suas dificuldades de aprendizagem está presente nela mesma. Rapunzel usa primeiramente os cabelos para conhecer o novo (príncipe) e futuramente possibilita a cura e o encontro com o final feliz através das lágrimas, duas características presentes nela mesma, mostrando que o desapreendimento da inteligência pode acontecer por meio de seu próprio corpo, ou como diria Haydée Echeverría (apud Fernández, 1991 pg. 62), “o corpo enlaça a dimensão interna com a externa, através do conceito de vínculo como lugar de intersecção da construtividade cognitiva e da estrutura do desejo e é o meio (entendido como fator etno-sócio-cultural) quem posiciona a construção desse vínculo”.

Apesar de não ter continuado esse trabalho com Alice, acredito que esse momento tenha sido muito válido para minha reflexão sobre o trabalho que realizei com essa menina.

Desde o começo de seu diagnóstico, Alice mostrou-se muito feliz com a possibilidade de, com a ajuda desse trabalho, finalmente conseguir ler e escrever, ela dizia isso sempre, que ao aprender ela seria feliz. Mas acredito que essa não era a única torre da qual Alice precisava ser resgatada. (apesar de o fracasso escolar ter sido um fator importante em sua aprendizagem também). Acreditava que a inteligência de Alice estava aprisionada devido a questões familiares.

Assim como apresento, na história que inventei para Alice, sua família viveu durante muito tempo com o “terror” dentro de casa. A presença intimidadora do irmão de sua mãe trouxe muitos problemas para esta família, não só para ela como também para seus irmãos, inclusive um deles também passou por um processo diagnóstico realizado por uma colega do curso de psicopedagogia. Existia um trato familiar de proteção contra esse tio, mas existia também algo mais que eu não cheguei a descobrir.

Seu pai tinha uma modalidade de ensino exibicionista, pois era o único da casa que havia chegado ao Ensino Médio. Além disso, sempre tive uma sensação de que ele escondia algo, suas atitudes muitas vezes me levavam a pensar que ele não se mostrava da maneira que realmente era. Dizia sempre ser muito presente e preocupado com a educação de seus filhos e acredito que de fato era, mas de certa forma essa preocupação excessiva que ele tanto fazia questão de dizer que tinha parecia ser algo como um falso self ³.

O primeiro exemplo disso foi uma situação logo no início do diagnóstico de Alice e de seu irmão, quando eles faltaram pela primeira vez. Eu e minha colega estávamos esperando por eles, quando constatamos que eles não viriam. Lembrei-me que eles haviam comentado que seu pai buscava a irmã mais nova todos os dias mais ou menos no horário do atendimento deles. Decidi então espera-lo para saber o que tinha acontecido. No momento em que ele nos viu, pareceu ficar bastante nervoso e não soube explicar a falta de seus filhos, além disso, não conseguiu em nenhum momento nos encarar enquanto tentava pensar em uma desculpa para a falta.

Muito tempo depois, já atendendo Alice em meu consultório, houve uma falta dela que também me deixou muito preocupada. Na semana seguinte à falta, Alice chegou a sessão bastante apática e mais quieta do que nunca. Seu pai chegou explicando que ela havia faltado, pois naquele dia ela havia caído do telhado de casa. Não soube explicar muito bem o que ela fazia em cima do telhado. Quando estávamos a sós, tentei conversar com ela sobre o que tinha acontecido, mas ela me olhava com um olhar distante, dizendo apenas o que seu pai já tinha me dito. Estranhei muito sua expressão nesse dia, era vazia, mas de alguma forma parecia buscar uma ajuda.

Foi exatamente na sessão seguinte, que decidi fazer o trabalho com o conto da Rapunzel que relatei anteriormente e, por isso, senti que foi extraordinariamente significativo. Nesse momento, senti que ela buscava ser resgatada dessa torre em que vivia e, talvez devido aos “não ditos” e às “desmentidas” de sua situação familiar, sua inteligência estava aprisionada.

³ Definição de falso self segundo Winnicott (1994): A vida é vivida através deste quando o self verdadeiro é aprisionado e por sua vez é incapaz de funcionar, para isso o indivíduo adquire um senso de irrealidade.

Alícia Fernández nos fala do perigo de conhecer ante situações familiares que caracterizam o saber como algo que deve ser escondido ou mesmo desconhecido.

“O saber é perigoso a partir da fantasmática inconsciente de todo ser humano. As respostas ante esta periculosidade diferem em algumas circunstâncias familiares que atualizam o perigo a partir de determinados acontecimentos e significações que, desde o real, marquem esse perigo.” (Fernández, 1991, pg. 39)

Dessa maneira, a autora diz que nessas situações de segredo, quando não há distanciamento entre o que se supõe conhecer e o conhecimento, quando não se pode reconhecer a existência de um segredo, isso pode acabar se transformando em um sintoma. Inconscientemente a criança toma o saber por algo extremamente perigoso e dessa forma sua inteligência pode ficar aprisionada, impedida de aprender (pois o segredo é algo inerente à busca do conhecimento, é através do que se sabe que não se sabe é que o desejo de conhecer surge).

Diante disso e do que foi escolhido por Alice como sua parte preferida do conto Rapunzel e, mesmo diante de minha própria experiência com os contos e com este conto em especial, estou certa de que um trabalho clínico psicopedagógico pode ser incrivelmente favorecido pelo uso desse recurso narrativo.

“O Conto não só acolhe, possibilita o perdão e enraíza, mas também traz o desconforto decorrente do inédito, o que implica certa desconstrução de si. O narrar tem um pé na tradição e outro na abertura para o futuro e para o inédito.” (Safra, 2006 pg. 32)

Ao se desconstruir e se permitir encontrar algo inédito para seu futuro o indivíduo pode, ao encontrar as fraturas de sua aprendizagem, ressignificar sua aprendizagem e dessa maneira tornar-se autor.

Considerações Finais

“(...) De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro de roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção. O homem trouxe o cavalo cá bem junto. Ele era de óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo.

- Deus te abençoe, pequeninho. Como é teu nome?

- Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

- E o seu irmão Dito é o dono daqui?

- Não, meu senhor. O Ditinho está em glória.

O homem esbarrava o avanço do cavalo, que era zelado, manteúdo, formoso como nenhum outro. Redizia:

- Ah, não sabia, não. Deus o tenha em sua guarda... Mas, que é que há, Miguilim?

Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava.

- Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?

- É Mãe, e os meninos...

Estava Mãe, estava tio Terêz, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou.

O outro, que vinha com ele, era um camarada. O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: - "Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?"

Miguilim espremia os olhos. Drelina e Chica riam. Tomezinho tinha ido se esconder.

- Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

- Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãosinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto(...)"

Trecho do livro: *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa

Finalizo esse trabalho com este belo trecho de Guimarães Rosa, pois apesar de não ser um conto de fadas, também traz consigo uma beleza e simbologia que cabe muito a mim neste momento de finalização desse curso que tanto ressignificou minha aprendizagem e me tornou autora.

Gosto de pensar nesse trabalho que irei realizar daqui por diante como o que acontece no conto de Miguilim. Acredito que minha função na vida de tantas crianças como esta será a de oferecer-lhes uma ferramenta para que eles mesmos com todas as suas potencialidades possam olhar o mundo e por consequência a aprendizagem com tanta admiração e beleza, afinal tudo o que precisam está com eles mesmos.

Miguilim poderia ter colocado os óculos e apenas constatado que necessitava enxergar melhor, mas o que ele viu, viu com o coração e com todos os seus sentidos, esse potencial era dele e não do médico que apenas lhe ofereceu a ferramenta, dado que de maneira alguma chega a ser irrelevante, pois somente o olhar cuidadoso desse homem foi capaz de perceber o problema de Miguilim.

Dessa maneira, mais do que nunca, acredito que tudo o que fazemos com essas crianças deva ter um olhar cuidadoso, um olhar psicopedagógico, que não separa o indivíduo em pequenas partes, mas o olha como um todo.

E os contos? Acredito que estes nos ajudam a chegar ao coração (desejos e inquietações) das pessoas e dessa forma nos ajudam a buscar as angústias que aprisionaram a aprendizagem da criança/adulto.

Foi dessa maneira que aconteceu comigo, através de um conto especial para mim, consegui revisitar minha história e minhas angústias e assim ressignificar minha aprendizagem e hoje posso dizer que encontrei meu lugar no mundo. Sei que parece exagerado atribuir tudo isso a um conto, mas ele sem dúvida foi o disparador de toda minha reflexão acerca de minha aprendizagem. É claro, para mim, que o fato de ter encontrado meu lugar no mundo, como disse anteriormente, se deve também em grande parte ao meu encontro com a Psicopedagogia, mas, contudo estou certa de que minha disponibilidade para aprender neste curso foi imensamente facilitada por esta experiência.

Isso prova que a maneira como devemos enxergar o indivíduo deva ser totalizante e singular, levando em conta: organismo, corpo, cognição e desejo. Afinal diversos fatores contribuíram para que eu me sentisse autora de minha aprendizagem.

Quanto ao trabalho com Alice, estou certa de que se tivéssemos continuado este conto teria contribuído muito para resgatar sua inteligência aprisionada e possibilitar a construção de sua autoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, Nelly N. *Literatura infantil – teoria, análise, didática*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

FERNÁNDEZ, Alicia. *Os idiomas do aprendiz*. Trad. Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: Artmed, 1991.

GIORDANO, A. *Contar Histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GOMES, Purificacion Barcia. *O método terapêutico de Scheerazade – mil e uma histórias de loucura, de desejo e cura*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000.

HISADA, S. *A utilização de histórias no processo psicoterápico*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

RIBEIRO, Jonas. *Ouvidos dourados – a arte de ouvir as histórias (...para depois contá-las...)* São Paulo: Ed. Ave Maria, 1999.

SAFRA, Gilberto. *Curando com histórias: A inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças.* São Paulo: Edições Sobornost, 2005.

WINNICOTT, D. W. *Explorações Psicanalíticas.* Porto Alegre: Artmed, 1994.